

## Passos para o reencontro Steps for the reunion

Benedito Tadeu dos Santos<sup>1</sup>

VOLF, Miroslav. **Exclusão e abraço:** uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação. São Paulo: Mundo Cristão, 2021. 448 p.

A obra produzida por Volf possui cunho teológico-pastoral. Tem como pano de fundo a experiência vivenciada na antiga Iugoslávia, com o conflito instalado entre croatas e sérvios. O autor busca despertar uma ética do perdão e inclusão tendo como resultado o abraço, quebrando assim o círculo do ódio e da vingança. A temática abordada numa perspectiva teológica é de grande relevância à contemporaneidade, frente aos conflitos que a família humana vivência entre guerras urbanas, conflitos étnicos e governos autoritaristas.

O autor é croata, doutor em Teologia pela Universidade de Tübingen na Alemanha, radicado nos Estados Unidos da América do Norte, em Los Angeles, onde coordena o Centro de Fé e Cultura na Universidade de Yale. Sua primeira tradição teológica foi na Igreja reformada, posteriormente aderiu à Igreja episcopal dos Estados Unidos (*The Episcopal Church* – membro da Comunhão Anglicana), como comunidade de fé. Enquanto acadêmico e professor, sua primeira obra foi o livro intitulado *Work in the Spirit*, publicado em 1991. Em português estão disponíveis as obras *Fim da memória*, publicada em 2009, e *Uma fé pública*, publicado em 2018 (ambas pela editora Mundo Cristão). No entanto, ele possui diversas produções na área teológica em língua inglesa.

*Exclusão e abraço* é um trabalho sistematicamente realizado pelo autor por meio de categorias teológicas, visando conduzir o leitor ao centro de sua proposta, o reencontro entre os “iguais” e o acolhido dos “diferentes”. Em sua prefação apresenta a edição revisada, bem como o prefácio da primeira edição em inglês e introdução (p. 13 -26). A edição da qual fazemos uso não possui uma estruturação organizada de capítulos e subtítulos a serem desenvolvidos. Há apenas um capítulo, seguido de subcapítulos e tópicos, com variantes quantitativos, seguindo a necessidade dos desdobramentos dos temas abordados. Em toda elaboração de suas teses, o autor dialoga com diferentes tradições religiosas, principalmente o cristianismo, e múltiplas áreas das Ciências Humanas. Frente a essas interfaces, foi necessário incluir um índice remissivo (p. 441-447), dada a diversidade de interação do autor com outros pensadores, em sua maioria conhecidos por suas produções, mesmo clássicos, tanto para a Teologia, Filosofia, Ciências Sociais e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Anglicanismo pelo Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Licenciado em História pelo Centro Universitário Nossa Senhora da Assunção (UNIFAI). Contato: [tadeustos@yahoo.com.br](mailto:tadeustos@yahoo.com.br).

Psicologia. Fez-se de igual natureza a elaboração de um epílogo na segunda edição para responder aos críticos, observadores e colaboradores da primeira edição (p. 365-409).

A introdução tem como tema *O ressurgimento da identidade* (p. 27-52). O autor parte da proposta de pensar a identidade, tendo como cenário o ano de 1990, no contexto da globalização que avança a todo vapor, impondo suas condições, gerando nos países periféricos uma multidão de empobrecidos, mas também uma crise social de identidade, momento em que há um levante para se assegurar a pureza de uma raça, legitimando a pertença da Terra. Diferentes grupos são colocados à margem a partir dessa ideologia, pois a busca por uma identidade nacional, que de fato tem como pauta questões econômicas, gerou uma luta sangrenta pela identidade. Para Volf, é legítima a manifestação de grupos minoritários para preservar sua identidade cultural frente ao sequestro feito por seus opositores. O contrário é a exclusão, quebra de comunhão. Sendo a vivência religiosa um status público, entende-se que todas as religiões são universais, escolhidas livremente por cada pessoa membro da família humana, mas conforme o autor, o abraço é fruto de mútuo reconhecimento. Ao analisar o monoteísmo, Volf o entende a partir de uma visão judaica, logo, deve ser ético e não um aparelho de Estado que faz uso da religião para usurpar a identidade e crucificar ou apedrejar os que não fazem parte do sistema de crenças e práticas estabelecidas. Insiste que cada pessoa, independentemente de sua etnia, cultura ou religião, é filha de Deus, e os cristãos deveriam ser os primeiros a reconhecer essa premissa. É abolida completamente a suposição de um “deus” pessoal, mas a afirmação constante de um Deus universal. Pois só assim é possível pensar em inclusão. Nessa constatação, a diversidade humana tem como modelo a Santíssima Trindade: três pessoas distintas, numa só comunhão, cada qual com a sua particularidade, sem divisão, interpenetradas, sem exclusão, permeadas pelo abraço.

Seguindo a metodologia abordada pelo autor, há um primeiro e único capítulo intitulado *A cruz, o ego e o outro*. Seis tópicos são abordados pelo autor, onde realidades de exclusão ocorrem de maneira simultânea, como uma grande limpeza étnica e cultural, como extermínio e guerras. Voltar-se para a teologia da cruz como símbolo de solidariedade, a partir da perspectiva lucana da paixão de Cristo, tendo como referencial teórico o pensamento de Jüngen Moltmann, faz com que Volf reconheça o sofrimento do crucificado, em correlação com o sofrimento de toda a humanidade excluída. Portanto, a afirmação de que, mesmo central para a soteriologia universal, a cruz é escândalo, símbolo de fraqueza frente ao poder opressor. Todavia, não há ressurreição sem a experiência da cruz. Na realidade de dor, o crucificado convida a humanidade para o encontro e o abraço.

Dessa perspectiva nasce o primeiro subcapítulo: *Distanciamento e pertencimento* (p. 53-79) com quatro tópicos justificativos e provocativos, donde o autor parte do processo de colonização cristã que gerou exclusão e conflitos étnicos e religiosos que se arrastam pelos trilhos da história, aumentando o distanciamento entre as pessoas. No contexto de colonização, o autor nos traz a memória que todos somos estrangeiros. Como exemplo bíblico, resgata a saga de Sara e Abraão, o homem que teve a fé e ousadia de sair de sua terra com um propósito, tendo como

garantia a promessa de que todos os povos seriam abençoados. Logo, todas as pessoas de fé são filhas de Abraão. Mas Volf apresenta um dado pertinente para reflexão: a cultura não pode fazer da fé uma refém ou manipular a identidade. A promessa feita a Abraão é de convergência de povos, toda a família humana em comunhão, mesmo com suas particularidades, o que refletirá Paulo no segundo testamento (Gl 3,28), pois abraçados pelo Cristo, todas as pessoas são membros duma comunidade universal, o que ocorre em Pentecostes (At 2,1). É recriação do mundo na ótica de Volf, um movimento onde cada qual compreende o diferente e acolhe no mesmo desejo de uma sociedade fraterna, tendo como paradigma uma fé católica em sua etimologia, avança em sua reflexão, de que toda Igreja local é católica e todas as pessoas são proprietárias de suas culturas e que podem crer em Deus de maneiras diversas e respeitosa, sem conflitos ou exclusão, verdades que ao longo da história da Igreja não foram visíveis, por isso há divisões e conflitos.

Dessa constatação que segue o terceiro subcapítulo (p. 80-134), tendo sete tópicos interligados para destrinchar o espinho da *Exclusão*. Em diálogo com o filósofo Friedrich Nietzsche, a questão do bem e do mal é apresentada, tendo como variável necessária a presença de um mal para que o bem seja justificado. Ante o postulado, grupos marginalizados por sua condição social, gênero ou etnia, são excluídos sistematicamente, seja por categoria (violência física) ou apagar da memória (anulação da história dos vencidos). No centro da tese de Volf, a dinâmica da exclusão social e religiosa não é dado novo, mas reprodução do que ocorria na Palestina no tempo de Jesus, em que a religião oficial, amparada por lei, segregava os justos dos pecadores. Volf constata o óbvio, que Jesus abraçava os pecadores, denunciando um sistema social excludente e devolvendo a cada pessoa sua dignidade. O contexto de exclusão é condenado por Jesus, pois, conforme o prisma do autor, todas as pessoas são chamadas para a comunhão e reconciliação. A parábola do bom samaritano é relida como uma denúncia ao descaso com a vida, perpetuado pela religião que instiga a segregação. Para legitimar suas argumentações, o autor traz a memória o sistema de castas na Índia e o terror do *apartheid* da África do Sul. Para validar ações contra a vida, se propaga um discurso de ódio contra o outro, e nessa estrutura os perpetradores assumem uma justiça particular, assumindo a condição de vítima, sujeito sem escolha diante de um cenário que lhe é estranho, sem alternativa para agir, além do uso drástico da violência contra o outro. A partir dessa percepção, a temática proposta lembra o axioma paulino de que todas as pessoas são pecadoras (Rm 3,23), afirmação que é correta para o autor, que considera, no entanto, ser necessário compreender que nem todos os pecados são iguais. Sem essa distinção, seria comparar o agressor ao agredido que alimenta o ódio pelo agressor, tendo em vista que o ódio também é um pecado. Diante de uma realidade de exclusão, o autor sublinha a fala dos perpetradores frente aos supostos adversários: ou somos nós ou são eles. O que elimina toda a possibilidade de inocência ou de opção, tal como se o mal e o poder da exclusão fossem os genitores naturais da ação. Na contramão dessa premissa, Volf resgata a história de Caim e Abel. Ambos filhos dos mesmos pais, porém com características diferentes. Caim teve escolha frente ao mal e ocultou sua culpa. Na análise do texto posto, todos somos Caim. Temos o poder de

decisão entre excluir ou abraçar; reconhecer-se enquanto irmãos subordinados às nossas diferenças. Firmando sua tese, o autor faz uso de mais um elemento bíblico, ferramenta que é conveniente em toda sua estruturação.

Como novo objeto de reflexão é proposto a narrativa lucana do filho pródigo, que após várias intempéries reconhece o fracasso de sua empreitada e decide voltar à casa do pai na condição subalterna. No entanto, é acolhido pelo pai com honraria, como nova criatura. Porém, manifesta-se o sentimento de exclusão, de não reconhecimento tal como igual ao filho mais velho, e denuncia que não há paz e equivalência entre eles, o que para a fé cristã é inconcebível, desistir da esperança de uma reconciliação final, pois em suma, há a ação do trino Deus que deseja uma política do coração puro, mesmo diante dos horrores da guerra que os perpetradores fomentaram. Volf torna-se mais questionador do que retórico; na sua tese está o tormento do número de crianças que crescerão tendo como objetivo a vingança.

É necessária uma epistemologia do perdão que quebre o círculo de terror e vingança. Surge diante de si uma muralha, a dificuldade para o ato de perdoar. Há o reconhecimento dessa densa realidade de que a vítima alimentará em seu coração o ódio pela justiça não feita, que terá como resultado o eterno vínculo de vingança após vingança.

Em busca de romper esse sistema de morte, noutra tópico, o espaço para o outro é vislumbrado, tendo como possibilidades elementos centrais da fé cristã: *Cruz, Trindade e eucaristia*, questões que Volf tratará em seu epílogo com relação às observações de seus pares. Nessa reflexão, apenas três tópicos servirão como colunas para argumentação. Partindo de uma questão cristológica, o perdão só é possível tendo a cruz como objeto central. Cristo não foi apenas mais um crucificado pelo Estado, mas foi o crucificado que perdoou e abraçou seus algozes, não permitindo que esses fossem seus inimigos. Os braços estendidos na cruz são abertura e convite para o outro. Nessa dinâmica da cruz há um ato trinitário que convida o humano a participar duma comunhão plena, pois todas as pessoas são abraçadas pelas pessoas divinas da Trindade que só sabem amar. Logo, a eucaristia, enquanto partilha e abraço, é momento de comunhão, onde as pessoas se autoidentificam e entregam o seu ego para abraçar o outro a partir da ação divina. Em sua reflexão, Volf considera o abraço como ato final, realidade onde o mal sofrido é esquecido e as feridas são curadas, uma visão escatológica de renovação de todas as coisas, onde toda a humanidade é incluída.

Todavia, Volf avança para a segunda parte de sua reflexão de sua obra com novas provocações e desafios, de maneira mais sistemática, sem, todavia, seguir um modelo metodológico, e convida o leitor a uma nova perspectiva sobre realidades que fazem parte do cotidiano, e devem ser analisadas à luz da Teologia.

Seguindo a mesma estrutura proposta na primeira parte da obra, não há uma métrica pontual. Analisa-se a contradição entre *Opressão e justiça* (p. 224-272). Nove tópicos são desenvolvidos em diálogos com teólogos e as Ciências Humanas com o objetivo de justificar as teses propostas. Não há critério quantitativo em sua explanação. Ele parte do questionamento da

postura cristã frente ao sofrimento humano e das acusações entre o Oriente e o Ocidente. Após as interações com as Ciências Humanas, chega à premissa de que a justiça é o que ocorre em Pentecostes, e desafia o leitor a contemplar tal experiência pneumática de inclusão num contexto hostil. Evidente que não é possível duas justças; uma é falácia. Deus é apresentado como justiça para todos os povos, todavia a liberdade humana acaba por gerar e impor a sua própria justiça, fazendo uso do aparato divino, suscitando a injustiça, o que na compreensão de Volf, não pode ser tratada de maneira universal, ou monopólio de um grupo. Para ser justiça, deve contemplar a particularidade que nasce da realidade do sujeito e do contexto. As tradições próprias de cada cultura, quando não observam as singularidades, acabam por criar distanciamento. Como a afirmação de fé cristã, só faz sentido quando tal experiência é vivenciada numa comunidade com abertura para o acolhimento. Para Volf, o teólogo deve estar atento aos dois mundos, o de Deus, e o da cultura. E o segundo é desafiador, permeado pela pluralidade e conflitos sempre com pessoas de punhos cerrados. Mas a antítese deve prevalecer, a criação de um ambiente híbrido, sem forças e sem opressão ou imposição religiosa, tendo como desígnio a abertura para o diálogo.

O autor é enfático em sua proposta de abraço e acolhimento, frente a uma realidade hostil e violenta, e ousa discutir sobre *Engano e verdade* (p. 273-324), tendo oito tópicos como premissas para assegurar sua tese. A memória será objeto de sua análise. Destacará a importância da memória, como algo vivo, seja para alimentar a comunhão e a beleza existente na relação de um grupo, o que ocorre entre os cristãos na eucaristia, momento em que as palavras de Jesus são repetidas: “fazei isso em memória de mim”, assim como a cruz é memória de todos os sofredores. Mas, conforme destaca Volf, há memórias que são controladas por grupos hegemônicos por meio de decretos e poderes, que tendem apagar o fato em si. A memória libertadora não pode ser sinal de violência. Ódio e memória devem ser incompatíveis. Certo é que nem sempre o fato ocorrido é apresentado objetivamente e claramente tal como ocorreu. Para o autor, faz-se necessário olhar o passado para não cair nas armadilhas da memória seletiva, além das diferentes exegeses da memória. Joga-se importante narrar o passado com critérios, rigor científico que fica a cargo dos historiadores que tentarão aproximar o sujeito do fato. Questiona-se ainda sobre a ideia de verdade que pode ser compreendida apenas como um ponto de visão, o exercício de ver as coisas de “cá como de lá”, isto é, por todos os ângulos possíveis. Voltando ao campo teológico, Deus é a única verdade que liberta. Porém, ao encontrar tal liberdade, deve-se fidelidade, pois ela vem acompanhada de um compromisso ético de vida e de amor, o que resulta em vontade de abraçar. A verdade é despida do poder autoritário. Jesus frente Pilatos é a verdade excluída, submetida a violência.

Para concluir sua obra, Volf fará uso da antítese *Violência e paz* (p. 325-364). Para sustentar sua tese, oito tópicos serão contemplados. O livro do Apocalipse será central frente a dupla realidade entre o Cristo de braços abertos na cruz, que convida para o abraço, e o juiz numa perspectiva escatológica. Para deixar-se abraçar pelo crucificado há desafios, deve-se assumir a cruz e estar disposto a abraçar sem olhar o outro como inimigo. Para tanto é necessária a prática

do perdão. O autor provoca seus leitores ao apresentar um mundo que prefere armamentos militares, sem a preocupação com o cuidado da vida e do planeta. Uma realidade em que as religiões e seus sistemas de crenças são geradores de terror e violência. Os cristãos promoveram a barbárie em diferentes momentos históricos, o que não há identificação com o crucificado que ofertou perdão aos seus algozes. A violência contra o outro justifica-se pelo ódio dele estar na “minha” região geográfica. Questiona-se como a civilização capaz de produzir a arte e a beleza é a mesma que mata e oprime. Para Volf, a paz prometida não é uma realidade. É importante lembrar que tanto o Ocidente quanto o Oriente, estão provocando mortes em nome de seus deuses que legitimam a guerra e as atrocidades. A proposta de paz entre os povos só é possível mediante abertura para o diálogo entre as religiões. Todavia, não há interesse que os “deuses” dialoguem, logo, o campo religioso continua minado corroborando com a violência. A problemática não está na esfera religiosa, mas no social, econômico e territorial. Nesse contexto o autor aponta a figura da Nova Jerusalém, mas numa visão de terror cósmico. Um confronto do crucificado de braços abertos com o Cristo grande juiz. A parusia é uma resposta ao mundo violento que gera dor e sofrimento, que não se deixa abraçar pelo crucificado escolhendo permanecer como falsos profetas e bestas. Apenas o justo juiz tem a condição de aplicar a justiça. No entanto, não existem dois Cristos, o crucificado e o juiz vingativo. O que há é a tolerância de Deus e seu desejo não é acabar com o mundo, mas de transformar suas estruturas e sistemas de morte em novo dia, nova criação, sem exclusão. Um mundo de abraço, um novo Pentecostes.

O autor finda a segunda parte de sua obra com um olhar de esperança nas bem-aventuranças (Mt 5,5), onde os adoradores do Messias crucificado fazem opção pelo abraço e não pela violência. Miroslav Volf trabalhou aproximadamente dois anos para produzir a obra *Exclusão e abraço*. Suas reflexões são particulares, partem de uma inquietação ao conviver com pessoas irmãs que se violentavam e se excluía cotidianamente. Seus escritos são buscas por respostas para compreender a banalidade do mal e seus mecanismos. Para tanto o movimento do perdoar, acolher e abraçar, surge como uma ação pneumática. ✨

## **REFERÊNCIA**

VOLF, Miroslav. **Exclusão e abraço**: uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação. São Paulo: Mundo Cristão, 2021.

Recebido em: 30/09/2022.

Aceito em: 16/11/2022.